

**A construção da memória e da identidade
na Sôka Gakkai: breve análise de escritos de Daisaku Ikeda¹**

Ronan Alves Pereira
Universidade de Brasília

RESUMO: Este artigo enfoca a adaptação estratégica do discurso e da memória do movimento leigo budista japonês Soka Gakkai Internacional (SGI) ao longo de seu processo de legitimação e acomodação. Considerando-se que a SGI vem reescrevendo sua história após o cisma com a seita Nichiren Shoshu em 1991, privilegia-se duas obras de Daisaku Ikeda (“Revolução Humana” e “Nova Revolução Humana”) para se discutir a construção da memória e da identidade religiosa inspirando-se na idéia de “invenção de tradições” .

Palavras-chave: Budismo Nichiren, Sôka Gakkai, Daisaku Ikeda, invenção de tradição, narrativas históricas

ABSTRACT: This article focus on the strategic adaptation of the rhetoric and memory of the Japanese lay Buddhist movement Soka Gakkai International (SGI), in its process of legitimization and accommodation. While acknowledging the fact that SGI has been rewriting its history after its excommunication in 1991 by the sect Nichiren Shoshu, the author, inspired by the idea of “invention of tradition,” takes two of Daisaku Ikeda’s work (“Human Revolution” and “New Human Revolution”) in order to discuss the construction of memory and religious identity.

Key-words: Nichiren Buddhism, Sôka Gakkai, Daisaku Ikeda, invention of tradition, historic narratives.

¹ Publicado originalmente em: *Anais (Eletrônicos) do XI Congresso da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos*, México (12-15 de novembro de 2003). 16 p.

Disponível em: <http://www.colmex.mx/centros/ceaa/aladaa/imagesmemoria/ronanalvespereira.pdf>.

Acesso: 06 abr2008.

INTRODUÇÃO: Narrativas históricas e “invenção de tradições”

Na década de 1930, Tsunesaburô Makiguchi (1871-1944) e seu discípulo Jôsei Toda (1900-1958) fundaram a *Sôka Kyôiku Gakkai* (“Sociedade Educacional para a Criação de Valores”), um grupo de estudo que combinava a teoria pedagógica da “criação de valores”, idealizada por Makiguchi, e os princípios do Budismo Nichiren. Este Budismo foi fundado no século XIII pelo monge Nichiren, que acreditava que o Sutra de Lótus seria a única escritura válida para essa época de decadência do ensino budista (*mappô*).

Após a II Guerra Mundial, o grupo –sob a liderança de Jôsei Toda– teve o nome mudado para *Sôka Gakkai* (“Sociedade para a Criação de Valores”), expressando uma maior ênfase em sua identidade religiosa como organização de leigos filiados à seita *Nichiren Shôshû* (Seita Ortodoxa do Budismo Nichiren). Nos anos 50 e 60, a Gakkai atraiu para si uma animosidade generalizada e muita crítica na mídia devido a um crescimento fenomenal resultante de um método controvertido de difusão, de sua decisão de criar um partido político e de suas demonstrações públicas envolvendo multidões disciplinadas, que geraram uma imagem de militância intolerante e neo-fascista.

Nas décadas subseqüentes, no entanto, ela se tornou mais estável, institucionalizada e sua imagem melhorou consideravelmente. Como acontece com todo novo movimento religioso, que precisa optar entre a adaptação ao meio e a auto-destruição, a *Sôka Gakkai* optou pela acomodação e abrandamento de sua orientação exclusivista original. Em 1991, a *Nichiren Shôshû* excomungou a *Sôka Gakkai*, coroando uma história de relacionamento conflituoso entre os monges dessa seita e os líderes da Gakkai.

Atualmente, a *Sôka Gakkai Internacional* (SGI) é presidida por Daisaku Ikeda (1928-), que ampliou a agenda da organização, agora centrada na paz, cultura, educação e meio-ambiente. A partir de 1981, quando filiou-se à ONU como organização não-governamental, a SGI vem participando em diversas agências desse organismo internacional. A SGI reivindica um contingente de mais de 12 milhões de membros, espalhados em 190 países e regiões.

Neste artigo, mostrarei como a SGI tem feito uso abundante e deliberado de narrativas históricas no seu processo de acomodação e de legitimação. A história do período anterior ao cisma de 1991, em particular, tem sido seletivamente reconstruída, ilustrando assim o postulado segundo o qual a religião é, de fato, um fenômeno socialmente construído. Tal constatação conduz-me a dois conceitos que orientarão minha análise: “narrativas históricas” e “invenção de tradição”.

Na teoria da narrativa se enfatiza, entre outras coisas, a tendência humana de impor uma ordem nas experiências vividas e de buscar um significado subjacente à realidade e à vida através do uso de histórias. O resultado desta propensão estabelece nossa identidade, ao trabalhar simultaneamente os níveis pessoal e cultural. Sem tais histórias, haveria a desintegração das vidas individual e cultural em uma série de experimentos desconexos, sem sentido nem perspectiva futura (Mitchell 1981).

As narrativas são eventualmente revisadas, em sintonia com as mudanças, experiências e novas maneiras de percepção da realidade, de modo a oferecer novos e atualizados propósitos e identidades. Normalmente, procura-se focar e “florear” uma parte da história, por exemplo, para confrontar uma nova realidade.

O uso seletivo e cuidadosamente manipulado de narrativas históricas nos remete também ao conceito de “invenção de tradição”. Eric Hobsbawm (1984:1) chamou a atenção para o fato de que, apesar da aparente antiguidade de muitas “tradições”, elas podem na verdade ter uma origem bastante recente e, não raro, serem inventadas, construídas e formalmente instituídas. Num mundo em constante mudança e inovação, afirma ainda o autor inglês, não é de surpreender as tentativas de ordenar e estruturar partes da vida social como sendo imutáveis ou invariáveis.

Veremos a seguir como a SGI tem usado reiteradamente esta dimensão cultural humana, comprovando a importância da narrativa histórica para a unificação do grupo e para a formação de uma identidade comum. Esse elemento pode ser conferido, claramente, nos romances, discursos e orientações do seu presidente Daisaku Ikeda.

“INVENÇÃO DE TRADIÇÃO” ATRAVÉS DE PUBLICAÇÕES

Os escritos de Daisaku Ikeda e as Escrituras de Nichiren (*Goshô Zenshō*) formam atualmente o cerne literário e a base doutrinária dos membros da Sōka Gakkai. As Escrituras possuem a aura de texto canônico e sagrado. As obras de Ikeda são igualmente importantes na formação da identidade, das convicções e da prática dos membros da SGI.

Ikeda possuía, até novembro de 2000, 420 publicações em japonês, incluindo romances, poesias, orientações, discursos, diálogos com personalidades renomadas, e outros. Destas, 290 haviam sido traduzidas para trinta línguas diferentes. Discutirei a seguir dois romances --“Revolução Humana” e “Nova Revolução Humana”-- que são particularmente valuosos no contexto de suas obras, com ênfase na segunda obra.

Com o romance “Revolução Humana”, Ikeda propõe-se a “transmitir a todas as gerações futuras, sem nenhuma distorção, a vida e o espírito de Jossei Toda” (Ikeda 1994: 1).² Nele há o relato da reconstrução da Sôka Gakkai no pós-guerra pelo segundo presidente Toda. Como não podia deixar de ser, Ikeda surge como o mais fiel e leal discípulo de Toda, seu “braço direito”, predestinado a sucedê-lo no movimento. Este romance já foi transposto para o formato de revista em quadrinhos, desenho animado e filme longa-metragem.

O romance “Nova Revolução Humana”, considerado por Ikeda “como obra maior” de sua vida, aborda a história da Sôka Gakkai a partir da gestão do próprio Ikeda. O primeiro volume trata da viagem que fez, em outubro de 1960, para criar oficialmente as primeiras comunidades da Gakkai no exterior, dando início, assim, à difusão mundial do movimento.

O prefácio do romance é introduzido com a seguinte frase: “Que sejam eternos o espírito do venerado mestre e o caminho do discípulo-sucessor!” (*ibidem*: 1). Aqui o tom e a mensagem são transmitidos claramente: almeja-se eternizar a obra missionária de Toda e Ikeda não somente como texto literário, mas sobretudo como modelo que instigue os discípulos de Ikeda a assumirem tal obra. O cerne desse modelo é a ligação “mística” que se prega haver entre Ikeda e cada membro da organização. Tenta-se reestabelecer a mesma relação de mestre-discípulo que existiu entre Nichiren e Nikkô, Makiguchi e Toda, Toda e Ikeda. Tal relação envolve tanto a transmissão de conhecimento e proteção, quanto fidelidade incondicional e devoção.

Considerando que a Sôka Gakkai é alvo freqüente de críticas e comentários negativos da mídia japonesa e internacional, os dois romances de Ikeda podem ser interpretados, também, como um contraponto aos oponentes do movimento. Prometendo escrever até o final de sua vida e prevendo uma obra de trinta volumes, Ikeda pretende fazer uma releitura da história: “Enquanto as minhas forças me permitirem, hei de escrever até o fim, descrevendo a verdade e a falsidade, o bem e o mal, os vencedores e os perdedores — todos serão rigorosamente retratados” (*ibidem*: 3).

² Neste artigo, há casos em que uma mesma palavra possui diferentes grafias. Isto se deve às tentativas de se adaptar palavras e nomes japoneses à língua portuguesa. Assim, o nome de Jôsei Toda normalmente aparece nos escritos da Associação Brasil-SGI como *Jossei Toda*. Da mesma forma, *kôsen-rufu* passa para a forma aportuguesada *kossen-rufu*. E assim por diante.

Assim, fatos históricos locais e eventos mundiais são igualmente filtrados e reescritos sob o prisma da história da Gakkai. Na perspectiva do grupo, os textos são informativos, pois o membro tem acesso a outros fatos além dos que compõem a história da organização. Por exemplo, um membro da Coreia, da Índia, do Líbano, da Dinamarca ou de qualquer outro país fica conhecendo minimamente a situação do imigrante japonês no Brasil ou das condições restritivas a que a Gakkai se submeteu durante o regime militar brasileiro. Por outro lado, o membro brasileiro tem a oportunidade de aprender algo sobre a situação política do Japão no pós-guerra ou sobre algum aspecto cultural da Coreia.

Portanto, ao lerem a obra “Nova Revolução Humana”, em particular, os membros apreendem, numa forma romanceada e simples, os fatos históricos relativos à difusão da Gakkai no exterior. Fatos históricos tratados a partir da perspectiva de seu líder maior e que fazem parte agora da nova identidade de “membro da SGI”.

Ikeda busca, numa linguagem um tanto ufana e alardeadora, descrever uma epopéia grandiosa, em que as pessoas ficam, ao mesmo tempo, extasiadas com a notícia da chegada de Shin-iti Yamamoto (*alter ego* de Ikeda), aliviadas de seus sofrimentos ao ouvirem suas orientações, comprometidas a modificar a própria sorte e dispostas a trabalhar incansavelmente para essa nobre missão altruísta do *kôsen-rufu* (ampla propagação do Budismo Nichiren). Consonante a isso, o autor faz uso recorrente de frases e expressões carregadas de adjetivações emotivas:

Os incentivos de Shin-iti em meio à luta contra a maldade da doença estimularam fortemente o coração dos membros de Seattle, criando em seguida um grandioso impulso que elevou rapidamente as ondas de propagação do budismo (Ikeda 1994: 109).

Naquele instante, os membros que até então estavam procurando conter suas lágrimas, começaram a chorar desenfreadamente. Embora fossem lágrimas de emoção, quantas lágrimas amargas não haviam rolado pelos seus rostos suportando a fria realidade da vida e que agora se transformavam em ardentes lágrimas de alegria.

Fiquem tranquilos. Não se preocupem mais. Os senhores venceram. Por isso estão aqui, reunidos. Agora que estou aqui, não precisam mais se preocupar com nada. Portanto, vamos partir. Vamos partir radiantes para uma vida cheia de esperança! (*ibidem*: 112).

A personagem de Shin-iti é caracterizada como um grande líder espiritual da humanidade, necessitado e aguardado pelos povos do mundo.

Na carta estava escrito também que o presidente [Shin-iti] Yamamoto tornar-se-ia um grande orientador do mundo e recomendava que ela fosse recepcioná-lo no aeroporto (*ibidem*: 129).

[Walt] Whitman acalentara a visão de que esse encontro com o Oriente supriria a América com algo que ela carecia, tornando-a completa.

Agora, passados cem anos, Shin-iti assinalava seus passos na Broadway como emissário do budismo vindo do Oriente (*ibidem*: 144).

Shin-iti é possuidor, também, das seguintes características: “sinceridade, dedicação e convicção” (p. 131); indignação com as injustiças, discriminações e sofrimentos (pp. 114-16); “uma ilimitada benevolência” (p. 133); perspicácia (p. 150); “espírito de guerreiro” (pp. 150, 176); abnegação (p. 154); “tenacidade” e “senso de missão” (p. 182); liderança democrática, aberta ao diálogo e devotada aos subordinados (pp. 65, 95, 96, 106, 118, 150); “profunda determinação” (p. 178); agilidade e proficuidade – “de sua mente surgiam de forma ágil e sucessivamente os novos planos e projetos para o *Kossen-rufu*” (p. 222); objetividade e precisão – “agia sempre de maneira objetiva e precisa” (p. 74); e outras. É considerado, ainda, a “viga-mestra” da Gakkai e do movimento do *kôsen-rufu* (p. 178).

O conteúdo do romance e as metáforas utilizadas sugerem ao leitor a epopéia de um herói, como as que foram analisadas por Joseph Campbell. Este autor sustenta que haja uma “fórmula mitológica universal da aventura do herói”, com motivos recorrentes nos mitos de cada cultura (Campbell s.d.: 29). A aventura mitológica do herói seguiria um padrão que, de certa forma, reproduz os rituais de passagem: separação-iniciação-retorno. “Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (*ibidem*: 36).

Os relatos de Ikeda podem perfeitamente ser comparados como a trajetória simbólica do herói mítico: infância e adolescência difíceis durante a guerra; corpo fragilizado pela doença; “iniciação” no universo budista por seu mestre e mentor Jôsei Toda; lutas incansáveis contra todas as dificuldades para divulgar o Budismo Nichiren e trazer a paz ao mundo; “ilimitada benevolência” e “espírito de guerreiro”, que escolhe “com espontânea satisfação o caminho para tornar-se um mártir do *Kossen-rufu*” (Ikeda 1994: 103). Ou seja, ele teria decidido levar a cabo a missão que recebera do mestre, mesmo que isto custe sua própria saúde ou vida (*ibidem*: 18, 103-4, 177-78). Seu discurso apresenta tonalidades messiânicas em cada comunidade ultramarina que funda em sua primeira viagem internacional (*ibidem*: 35, 47, 112). Por fim, Ikeda tem consolidada sua liderança absoluta no movimento que irá ocasionar a “revolução global”, transformando o planeta na “Terra do Buda”, um lugar de paz, felicidade e harmonia, de acordo com a Lei Mística. Isto é, após experimentar uma sucessão de dificuldades, o herói sobrepõe-se a todas elas, passando a consolidar sua missão na Terra.

Ao exame desse romance de Ikeda, percebe-se que ele é bastante didático e serve a propósitos variados, particularmente como modelo de comportamento para o membro da SGI.

Onde há o predomínio de imigrantes japoneses, orienta-se para que o movimento se torne universal. Aos japoneses de San Francisco, por exemplo, Ikeda orientou para “que obtivessem a cidadania americana”, “obtivessem a carteira de habilitação de motorista” e “dominassem o idioma inglês” (*ibidem*: 82).

A personagem principal esclarece os padrões para a nomeação de dirigentes (e administração da insatisfação daqueles que se sentiram frustrados na obtenção de cargos) e para a realização de reuniões de palestra (*zadankai*), com perguntas e respostas (pp. 28, 148, 192). Oferece modelos de orientação aos membros e participantes das *zadankai* (pp. 33-38, 148). Instrui sobre questões éticas delicadas que costumam surgir nas organizações, como por exemplo, a utilização apropriada do dinheiro dos membros (p. 85). Explica conceitos-chaves e termos doutrinários, que geralmente são mantidos no original japonês (*jikkai gogu*, p. 78; *itai-doshin*, p. 87; *dai-gohonzon*, p. 90; *bodhisattvas* da terra, p. 120; etc.). Incute no membro que as principais atitudes são a prática (recitação

do *gongyô* e *daimoku*) e o trabalho em prol do *kôsen-rufu* (esta é uma das palavras mais repetidas ao longo do texto).

Enfim, os romances “Revolução Humana” e “Nova Revolução Humana” são livros de referência para o membro, o novo convertido e, evidentemente, o pesquisador desse movimento. Ambos servem a vários propósitos na SGI: legitimam e reforçam a liderança de Ikeda ao descrevê-lo como o herói do *kôsen-rufu*, com o qual o membro deve manter uma relação de mestre-discípulo. Estabelecem, também, modelos de vida e de prática; reforçam a absorção de conceitos e ensinamentos básicos da organização; e, sobretudo, reescrevem a história sob a perspectiva da SGI, abordando e salientando os fatos que se relacionam ou que são relevantes para a organização e o avanço de seus ideais. Esses romances são, em suma, importantes elementos para a construção da memória e da identidade do grupo.

O BRASIL E A “REVOLUÇÃO HUMANA”

Os relatos romanceados de Ikeda também estabelecem um lugar especial para o Brasil no movimento da SGI. Em primeiro lugar, embora a Sôka Gakkai tenha sido introduzida no Brasil no final dos anos de 1950, por imigrantes japoneses, o livro “Nova Revolução Humana” estabelece como marco de fundação de sua filial brasileira a histórica visita de Ikeda ao Brasil em 1960.

Essa viagem de Ikeda surge na história do grupo, primeiramente, como um fato crucial para o Budismo Nichiren, já que estaria concretizando a profecia de sua ampla difusão pelo mundo. O Budismo Nichiren, por assim dizer, estaria dando um passo importante para deixar de ser uma religião japonesa e se tornar universal.

Para os membros brasileiros, a viagem de Ikeda significou a inauguração oficial da filial brasileira e a estruturação de um movimento que era antes espontâneo e desarticulado. Se antes os membros mantinham a prática de forma limitada, em seus lares ou com os poucos vizinhos praticantes, as atividades passaram então a ser comunitárias, legítimas, diretamente ligadas à sede japonesa e orientadas por seus líderes.

O romance de Ikeda também eleva o Brasil a uma posição ímpar no contexto da divulgação mundial do Budismo Nichiren (*kôsen-rufu*). A viagem de Ikeda lançou as bases para a construção da imagem do Brasil, dentro do movimento, como “nascente do

kôsen-rufu”. O Brasil seria, nas palavras do próprio Ikeda, um país que “decidiu a vitória Soka do século XX” e que seria determinante na atuação da SGI no século seguinte. Um país que recebeu uma missão diretamente do mestre (i.e., *Ikeda-sensei*).

Essa idéia está contida no lema formulado e enviado por Ikeda à filial brasileira Associação Brasil-SGI (BSGI): “BSGI - Modelo do *Kossen-rufu* Mundial / BSGI - Invencível e de Contínuas Vitórias / BSGI -- Fonte Inesgotável do *Kossen-rufu* Mundial”. Esse é um elemento muito importante no discurso dos líderes da BSGI e na identidade do membro brasileiro.

Ao atribuir um papel especial à BSGI, Ikeda desperta um senso de missão e comprometimento incrível nos membros. Sua obra tem um sentido de convocatória: cada membro é um “soldado” a serviço do mestre, um *bodhisattva* dedicado à divulgação dos ensinamentos de Nichiren. Tal convocatória revigora o movimento e, particularmente, o esforço de se criar uma inabalável relação de mestre-discípulo entre o membro da BSGI e o presidente da SGI, Daisaku Ikeda. A ênfase nessa relação é, de fato, uma característica marcante e evidente no discurso dos membros e nas publicações oficiais (e que se relaciona com o já mencionado propósito de construção da nova identidade dos membros). A relação Ikeda-membros é descrita como mística, como sinal de “boa-sorte”, como espécie de privilégio dos eleitos e, acima de tudo, como “pedra-de-toque” do movimento e garantia de seu sucesso.

... todas as respostas me levam ao ponto primordial da SGI, ao espírito fundamental do budismo. Não há outro caminho senão seguirmos o do mestre [Ikeda], atendendo às suas expectativas. Em primeiro lugar, é minha convicção de [*sic*] que o Brasil recebeu tais incumbências -- e digo incumbências porque trata-se de uma missão-- por ter galgado a condição de uma organização de confiança pessoal do presidente Ikeda. Em segundo, por se tratar de uma missão dada a um irmão mais velho de todas as outras organizações, e como irmão mais velho a BSGI tem a sua família Soka. É nossa incumbência também criar o exemplo de construção dessa família. E em terceiro lugar, é imperativo que relembremos o ponto fundamental da família Soka: a partir do momento em que somos budistas, a regra fundamental para o crescimento é “seguir o mestre”. Como resultado dessa ação, não há outro caminho a não ser o da prosperidade e do desenvolvimento. (Eduardo Taguchi, presidente da BSGI, *apud* Terceira Civilização, no. 326, pp. 14-15).

Assim como aconteceu com a memória da SGI como um todo, a história da filial brasileira também tem sido cuidadosamente reconstruída com propósitos muito definidos. No último capítulo do romance “Nova Revolução Humana”, por exemplo, pode-se ler que, “Para chefe de distrito e chefe da Divisão das Senhoras de distrito foi nomeado um casal que administrava uma empresa de rádios transistores” (Ikeda 1994: 199). Os nomes dessas pessoas foram sumariamente omitidos do romance por elas terem-se desligado da Sôka Gakkai.

Do mesmo modo, a revista Terceira Civilização fez uma série de reportagens, a partir de julho de 1998, sobre as várias organizações locais (“coordenadorias”) da Associação Brasil-SGI. Na maior parte, diz-se que as atividades da organização em dado lugar se iniciaram com a chegada de uma determinada família japonesa (devidamente identificada). Aqui e ali, porém, usam-se expressões evasivas que ocultam, propositalmente, o nome de alguns pioneiros. Sabe-se que muitos deles desertaram do movimento. Por exemplo: “A primeira família de praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin chegou a São Luís em janeiro de 1961. Mas foi somente a partir da década de 70 que a organização começou a se desenvolver num ritmo mais acelerado” (Terceira Civilização no. 372, p. 20). Ou ainda: “As atividades da BSGI tiveram início nessa região por volta do ano de 1966, contando com cerca de trinta famílias” (Terceira Civilização no. 376, p. 22).

Na “Nova Revolução Humana”, Ikeda (representado pela personagem central Shin-iti) aparece dialogando e orientando os membros residentes no Brasil, inculcando neles, desde o início, o senso de missão para com a propagação do Budismo Nichiren em solo brasileiro.

Ikeda chegou ao Brasil com um discurso transformador e redentorista. De certo modo, sua presença reforçava, naquele momento, a identidade japonesa do imigrante, uma vez que se tratava de um líder espiritual japonês que representava, possivelmente, o mais nipônico dos budismos.³ Certamente sua pessoa não era ali a de um japonês comum: esse líder manifestava o propósito de mudar a situação de penúria e decepções sofridas pelos imigrantes, revelando que eles (praticantes do Budismo Nichiren) são, na verdade, os “*bodhisattvas* da terra” profetizados no Sutra de Lótus.

Ikeda relativizava assim a identidade japonesa, bem como reelaborava o sentido da imigração em termos do Budismo Nichiren. Ou melhor, em termos da profecia segundo a qual *bodhisattvas* surgiriam da terra para divulgar o Verdadeiro Ensino na era de *mappô* (literalmente, “os últimos dias da Lei”).

Nesse sentido, os imigrantes, mais do que simples pessoas de origem japonesa, seriam seres especiais, que já teriam atingido a iluminação búdica, mas que, cumprindo a decisão abnegada e altruísta de cada um, teriam renascido “neste mundo vil” para propagarem a Lei Mística de *Nam-myôhō-rengekyô* em solo brasileiro. Em poucas palavras, parte da comunidade *nikkei* (precisamente, a parte que se converteu à Gakkai) teria vindo cumprir uma missão no Brasil. De algum modo, esse discurso integra o imigrante japonês à sociedade nacional, enlaçando “misticamente” estes dois grupos.

Na medida em que o foco do movimento mudou da comunidade nipo-brasileira para a sociedade nacional, porém, os membros da SGI, independentemente da origem étnica e social, seriam então os responsáveis por ajudar a “salvar” o Brasil e deveriam assumir coletivamente a função de modelos para a divulgação mundial do movimento.

Esse relato abreviado sinaliza uma característica importante da BSGI que é a sua ligação “umbilical” com a comunidade nipo-brasileira, já que sua divulgação no Brasil (e, possivelmente, na maioria dos países latino-americanos) não se deveu à presença de um “missionário” enviado especificamente com o propósito proselitista, mas, sim, à iniciativa do imigrante japonês.

Essa característica da BSGI difere da organização em outros países, como a da Europa, onde a difusão inicial foi feita por funcionários de multinacionais japonesas ou por esposas japonesas de empresários europeus que haviam residido no Japão (Wilson & Dobbelaere 1994: 12). Nos Estados Unidos, esse papel coube particularmente às japonesas casadas com militares americanos (Inoue 1983: 102-103). O movimento foi introduzido na Coreia no início dos anos 60, quando expatriados coreanos, que tinham-se convertido ainda no Japão, retornaram ao país de origem (SGI Quarterly no. 14, p. 10).

Portanto, desde sua origem, a BSGI teve a comunidade *nikkei* como base para sua expansão. Até hoje se mantém a importância conferida a esta comunidade, o que pode ser verificado pela presença predominante de japoneses e *nikkei* nos postos mais altos na direção da BSGI. Por contraditório que pareça, essa relação da BSGI com a comunidade *nikkei*, no entanto, é ambígua e um tanto quanto tensa, devido à imagem negativa que a Sôka Gakkai ainda mantém entre os nipo-brasileiros (Pereira 2001: 316-23, 342-47).

CONCLUSÃO

A Sôka Gakkai é um novo movimento religioso que passou por várias transformações e ainda se encontra em processo de adaptação à nova condição de independência, após o cisma com a Nichiren Shôshû.

Nesse processo de alteração do perfil do movimento, pode-se observar primeiramente uma mudança de ênfase no Japão para uma agenda global, impulsionada particularmente pela campanha pela paz mundial e a construção deliberada de uma imagem mais positiva (amenização do caráter exclusivista da Nichiren Shôshû e da prática proselitista *shakubuku*; grande publicidade de eventos de impacto, como gigantescos festivais culturais em cidades japonesas bombardeadas durante a guerra; encontros de Ikeda com renomadas personalidades mundiais; atividades de apoio à ONU; busca de títulos e reconhecimentos públicos para os presidentes e a organização SGI; estabelecimento de representações em locais de grande impacto publicitário; etc.).

Em segundo lugar, observa-se uma clara e intencional construção da memória da SGI. Nesse artigo, enfoquei dois romances de Daisaku Ikeda para ilustrar como os líderes desse movimento fazem constantes releituras e reinterpretções de sua história e da imagem de seus pioneiros.

Na empreitada de se construir uma imagem da SGI como “ONG da paz e redentora da humanidade”, procura-se recuperar o lado compassivo e benevolente de Nichiren, em contraste com sua imagem pública de fundamentalista e intolerante com as outras religiões. O discurso que Toda faz em 1957, num festival esportivo, por exemplo, é elevado à condição de uma “Declaração Anti-Nuclear” e estabelece a imagem de um Toda incondicionalmente pacifista, que se sobrepõe ao Toda de reputação militante e fanática. O próprio Ikeda, que seus críticos têm por oportunista e dissimulado, surge nas narrativas da organização como o herói épico do *kôsen-rifu*, que desafiou e venceu a “maldade da doença” e toda calúnia, para levar o ideal da paz mundial a todos os povos.

Criada na década de 1930, a Sôka Gakkai traça sua origem mais remota no Budismo Nichiren do século XIII, ao mesmo tempo em que incorpora diversos elementos e linguajar do mundo moderno, e postula uma agenda voltada para solucionar os problemas maiores da humanidade e transformar o mundo numa sociedade pacífica e harmoniosa. Ou seja, ao mesmo tempo em que ela

reivindica para si a legitimidade e a aura conferida pela tradição, a SGI enfatiza que é uma organização moderna, voltada para o homem de hoje e para a solução dos problemas atuais.

Essa característica da Gakkai de integrar o tradicional e o moderno, o religioso e o secular, o espiritual e o prático, se enquadra perfeitamente em certas descrições das novas religiões. Porém, mais do que isso, é um dos fatores favoráveis a sua bem-sucedida propagação, ao lhe garantir espaço para a manipulação de sua identidade e de sua memória. De fato, a Sôka Gakkai é descrita como uma organização simultaneamente moderna e herdeira de uma tradição imemorable.

Além disso, pode-se observar nessa organização um discurso dual e diferenciado: um discurso voltado para dentro do grupo, centrado na doutrinação e na prática do membro e do convertido em potencial; e um voltado para fora, com o intento de criar e firmar uma imagem pública positiva. Assim, seu discurso propriamente religioso ficou mais restrito ao âmbito dos membros, enquanto a sua faceta de organização não-governamental recebeu maior destaque (Pereira 2001: 326-33, 422).

Esse discurso dual reflete a constituição híbrida da SGI: por um lado, apresenta a estrutura e a prática de um movimento religioso e, por outro lado, a militância e metas de uma ONG, organização não-governamental. Até recentemente podia-se ler na página eletrônica da Associação Brasil-SGI a seguinte auto-definição: “A BSGI é a representação brasileira da Soka Gakkai Internacional (SGI), ONG com base budista filiada às Nações Unidas, atuante nas seguintes áreas: Cultura, educação, paz, meio-ambiente, desarmamento nuclear e apoio a refugiados de guerras” (www.bsgi.com.br).

Tais sutilezas metafóricas e estratégicas têm servido para moldar, com sucesso, não somente a identidade do grupo, como também a sua história e “tradição”.

BIBLIOGRAFIA

- Campbell, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução do original inglês “The hero with a thousand faces” (1949, Princeton University Press). São Paulo, Cultrix/Pensamento, s.d..
- Hobsbawn, Eric. “Introduction: Inventing Traditions.” In: Eric Hobsbawn & Terence Ranger (eds.). *The Invention of Tradition*. Cambridge/ London/NY, Cambridge University Press, 1984, pp. 1-14.
- Ikeda, Daisaku. *Nova Revolução Humana*. São Paulo, Brasil Seikyo, 1994, vol. I.

Inoue, Nobutaka. “NSA and Non-Japanese Members in California”. In: Keiichi Yanagawa (ed.), *Japanese Religions in California: A Report of Research within and without the Japanese-American Community*. Tokyo, University of Tokyo, Department of Religious Studies, 1983, pp. 99-161.

Mitchell, W.J.T. (ed.). *On Narrative*. Chicago/ London, The University of Chicago Press, 1981.

Pereira, Ronan Alves. *O Budismo Leigo da Sôka Gakkai no Brasil: da revolução humana à utopia mundial*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Antropologia. Tese de doutorado, 2001.

Wilson, Bryan & Karel Dobbelaere. *A Time to Chant: The Soka Gakkai Buddhists in Britain*. Oxford, Clarendon Press, 1994.

OUTRAS FONTES:

SGI Quarterly no. 14, October 1998.

Terceira Civilização, no. 326 (outubro, 1995); no. 372 (agosto, 1999); no. 376 (dezembro, 1999).

www.bsgi.com.br

Autor: Ronan Alves Pereira

Universidade de Brasília, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

ronan_pereira@hotmail.com